

Duas Cosmologias Irreconciliáveis

Albert Mohler

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Esforços para reconciliar o Cristianismo e a teoria evolucionista abundam, embora os evolucionistas lamentem o fato que uma grande porcentagem dos americanos simplesmente não aceitará um entendimento naturalista da origem cósmica e humana.

Escrevendo no *New Scientist*, Michael Zimmerman exige uma nova celebração pública do Darwinismo. Zimmerman é um dos proponentes do “Evolution Sunday”, uma tentativa de encorajar igrejas liberais a apoiar a compatibilidade da evolução e o Cristianismo, agendada anualmente para o domingo mais próximo do aniversário de Darwin.

Numa seção interessante do seu artigo, Zimmerman cita a mim como um exemplo de alguém que argumenta a favor da incompatibilidade fundamental da evolução Darwinista e o Cristianismo bíblico. Aqui está a seção:

Líderes religiosos fundamentalistas promovendo uma agenda criacionista afirmam, regularmente, que o fiel deve escolher entre suas crenças religiosas e a evolução. A evolução é geralmente caricaturada como sendo incompatível com a crença em Deus; Albert Mohler, presidente do *Southern Baptist Theological Seminary*, declarou que uma pessoa não pode ser um cristão e acreditar na evolução. Isso é particularmente perigoso, pois creio que a maioria das pessoas, se forçadas a escolher entre religião e evolução, selecionarão a religião.

Primeiro, um esclarecimento. Eu não disse que uma pessoa não pode ser um cristão e acreditar na evolução. É inteiramente possível ser um cristão confuso ou um evolucionista confuso... ou ambos. Todavia, a teoria dominante da evolução – a teoria como ensinada e defendida pelos principais cientistas evolucionistas do mundo – rejeita explicitamente qualquer *design* ou interferência supernatural em algum ponto no *continuum* evolucionário. Esse fato sozinho já torna a teoria incompatível com qualquer afirmação legítima de criação divina ou teísmo bíblico.

Esse ponto é também afirmado, embora quase certamente de maneira não intencional, na edição atual do *The Christian Century*. Em “God in Evolution” [Deus em Evolução], Amy Frykholm pareceria tranquilizar Zimmerman.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

Como ela escreve:

Embora controvérsias sobre evolução continuem a surgir em alguns setores do Cristianismo americano, a grande maioria dos cristãos tem feito as pazes com Darwin. Podemos não entender todas as nuances do debate científico, mas concluímos que a teoria evolucionista é boa ciência e, portanto, deve ser compatível com boa teologia. O nome de Darwin não nos dá calafrios. Somos teístas evolucionistas: cremos que a seleção natural é evidentemente parte do método que Deus escolheu para moldar o mundo natural.

De acordo com Frykholm, “a grande maioria dos cristãos tem feito as pazes com Darwin”. Mas, embora faça essa afirmação, Frykholm escorrega e admite que a “paz” é antes “combustível”. Como ela explica, “quando a teologia se depara com o relato do mundo apresentado pela biologia evolucionária, a bondade e o poder de Deus, bem como os Seus planos para o futuro parecem ser questionados com nova força”. Desnecessário dizer, essas são questões importantíssimas.

Considere essa seção do artigo dela:

A biologia evolucionária faz com que seja difícil discernir propósito ou direção na criação. Para alguns teólogos, encarar um universo que inclua aleatoriedade e acaso pode requerer uma mudança no pensamento sobre como Deus age. John Haught, teólogo católico e professor de teologia na Universidade de Georgetown, sugere que pensemos em termos de um Deus que oferece “um vasto leque de possibilidades que o mundo pode perceber, um universo de inumeráveis possibilidades.” A percepção de qualquer possibilidade acontece no jogo entre Deus e as criaturas.

E então esta passagem:

O problema teológico de ir nesta direção, sem dúvida, é que tal visão deixa pouco sentido para a direção ou ação divina. Clayton [Philip Clayton, um teólogo da *Claremont School of Theology*] argumenta que a biologia evolucionária limita severamente o que podemos chamar de ação divina, embora ele creia que a ciência permita um pequeno, mas significativo espaço para a interação entre criatura e Criador. A natureza pode ser “biologicamente limitada sem ser biologicamente determinada”, ele diz. Ele chama a interação divino-criatura de “a atração divina.” À medida que a evolução ocorre, mais estruturas complexas emergem. E as formas mais complexas que emergem não são redutíveis a uma mera compilação dos tipos que vieram antes delas. No espaço entre o que é e o que está se tornando pode ser dito que Deus age.

Teólogos que enfatizam Deus como profundamente envolvido no processo natural e ilimitado parecem mais capazes de fazer com que a evolução tenha sentido, diferentemente dos relatos clássicos de um Deus onipotente. Por outro lado, se Jenson está certo, talvez o que seja necessário é uma noção mais rica de Deus, em quem esses processos ocorrem. No mínimo, a interação substancial entre teologia cristã e biologia evolucionária está sugerindo novas metáforas e novas formas de pensar sobre Deus.

Em outras palavras, a teologia que declarou uma trégua com Darwin é uma teologia que é requerida, por exemplo, a ver Deus permitindo vários finais possíveis para a história – um Deus que está profundamente envolvido na criação, mas não onipotente. Assim, repito minha afirmação: Isso não é Cristianismo bíblico!

De forma reveladora, Michael Zimmerman vê o status público da teoria evolucionária ameaçada de extinção pelo fato que muitos cristãos resistem à teoria. Como ele admite, “creio que a maioria das pessoas, se forçadas a escolher entre religião e evolução, selecionarão a religião.” Ele está certo, sem dúvida – e esse é o motivo de haver tanto pânico no templo de Darwin.

Fonte: <http://www.albertmohler.com/blog.php>